

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

CARIDADE

Por ARGENTINITA

O Antoninho é um menino muito estudioso e aplicado; nunca inventa pretextos para faltar à aula, sendo, pelo contrário, o primeiro do colégio a tomar posse do seu lugar. Honra e respeita o seu professor que o aponta como exemplo digno de ser seguido. Estima os seus condiscípulos, ajudando os mais fracos e procurando imitar os que lhe são superiores. O Antoninho é, também, uma criança bastante caridosa. Para fazerem uma idéa dos seus sentimentos caritativos, vou contar, aos meus amiguinhos, uma pequenina história:

— Era de inverno e um inverno rigorosíssimo... Todas as manhãs, mal o sol começava a doirar a terra com os seus brilhantes raios, o Antoninho saltava, alegremente, da cama e, pé ante pé, encaminhava-se para o seu jardim.

Debaixo do braço, cuidadosamente enrolado num papel, o pequeno levava uma avultada provisão de migalhinhas de pão, colhidas, na véspera, de cima da alva toalha da mesa, após as refeições.

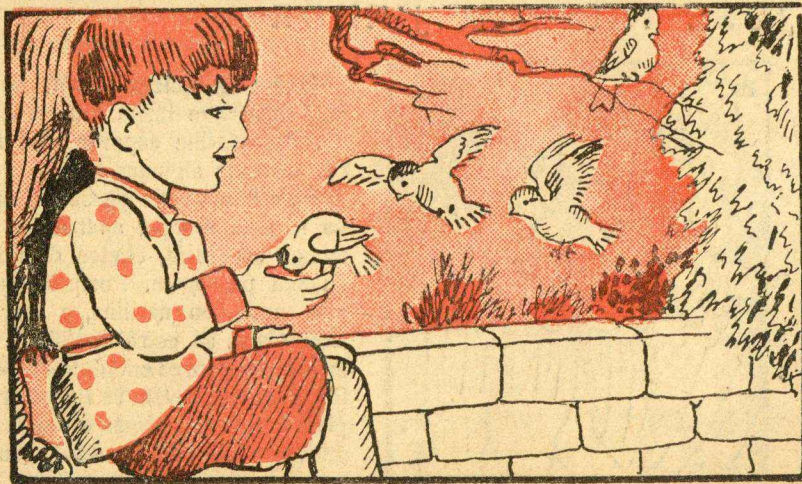
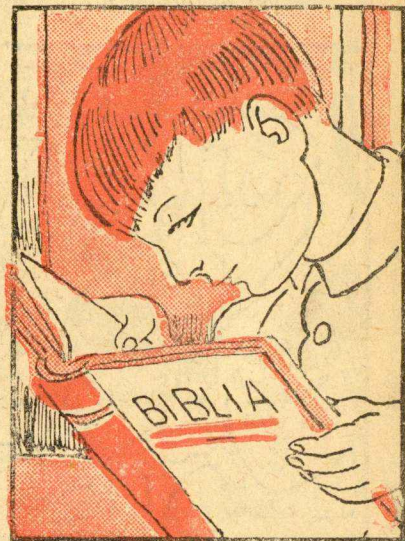
Assim que ele se sentava num pequeno banco, junto de uma árvore que o inverno despira cruelmente da sua frondosa folhagem, começavam a surgir, de todos os lados, bandos de passarinhos que chilreavam alegremente à sua volta.

Alguns, mais atrevidos, iam pousar-lhe nos ombros, abrindo, gulosamente, os tenros biquinhos.

O Antoninho, simultaneamente enternecido e divertido, ria da impaciência dos seus protegidos e, abrindo o embrulho, começava a distribuir o pão pelas avezinhas que, num alegre bater de asas, se precipitavam para o cobiçado petisco.

Indiferente ao frio glacial que, sem piedade, lhe fustigava as faces rosadas, o garoto ficava-se a contemplar êsse quadro enternecedor, pensando na sorte daqueles pobres passarinhos se ele os não socorresse, naquele rigoroso inverno.

Mentalmente, revia os extensos prados cobertos de neve, as árvores despidas de fôlhas, açoitadas pelo vento agreste e, instintivamente, comparava a sua existência, cheia de conforto e mimos, com a vida de



tantas crianças que, sem amparo, vagueiam por esse país, esfarrapadinhas e famintas. Ah! se ele pudesse fazer todo o bem que desejava, para que todos vivessem felizes como ele!... E, naquele cérebrozinho, em formação, começava a definir-se a idéia de que o mundo estava muito mal organizado...

Ora, numa manhã de frio intenso, estava ele entretido na sua caridosa tarefa e pensando nas desigualdades do mundo, quando vozes angustiadas, que o chamavam, o tiraram da sua meditação. Eram os pais que, tendo dado pela sua falta e depois de o procurarem por toda a casa, tinham descido ao jardim na vaga esperança de ali o encontrarem.

Ao darem com ele, sentado num banco, a tiritar de frio mas satisfeíssimo com a sua humanitária tarefa, o pai, fingindo-se zangado, perguntou-lhe severamente:

— «Que fazes aí, exposto ao frio e arriscado a apanhares uma doença grave?»

O Antoninho empalmeceu. Porém, compreendendo que, lá no céu, o Menino Jesus abençoaria o seu gesto, respondeu, respeitoso mas firme:

— «Dou de comer a estas avezinhas, porque os campos estão cobertos de neve, e se eu lhes não acudisse, morreriam de fome, com certeza!

— (Com uma lágrima a querer, teimosamente, deslizar-lhe pela face, o garoto continuou:— É um dever dos ricos socorrer os pobres, quer sejam pessoas ou avezinhas indefesas, e há tanta miséria e tanto egoísmo por este mundo, paizinho!...»

Ouvindo as últimas palavras do Antoninho, os pais entreolharam-se comovidos. Contudo, o pai, sem abrandar o seu ar severo, tornou:

— «Está bem! Mas para que te ocultas tu, nessa missão de caridade, sabendo que, ao darmos pela tua falta, nos assustaríamos. Isso é uma acção má que Deus castiga.

Então, o Antoninho, dando livre curso às lágrimas que lhe toldavam os olhos muito azuis, respondeu, convicto:

— «Perdão, paizinho... Eu li na Bíblia que Deus nos manda fazer o Bem sem ostentações, nem vaidades. O papá não leu? Então, havemos de ir logo ler esse capítulo, juntos, sim?»

Um abraço, comovido, foi a resposta dos pais ao constatarem os sentimentos de Caridade e modéstia que desabrochavam na linda almazinha do filho.

Desde então, o Antoninho todos os dias se dirige para o jardim, onde vai, livremente, distribuir pelos seus protegidos, as migalhinhas de pão que continua a apanhar de cima da alva toalha, farta provisão de alpista e até bocadinhos de saboroso pão de ló que a mamã lhe dá, associando-se, assim, à sua generosa conduta.

Todos os pobrezinhos, que lhe batem à porta, são farta e atenciosamente, socorridos.

E que lindo quadro forma o petiz, lendo aos pais, que o escutam maravilhados, aquela passagem do Evangelho, em que Deus ensina a praticar o Bem sem vaidades nem ostentações!...

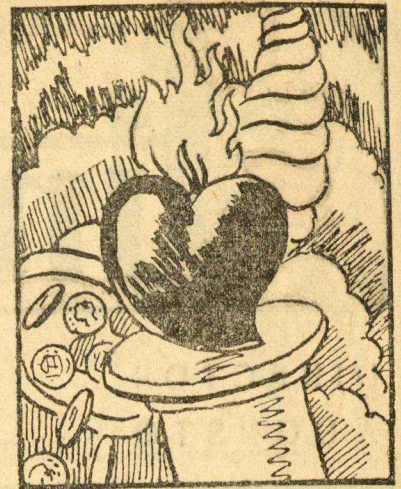
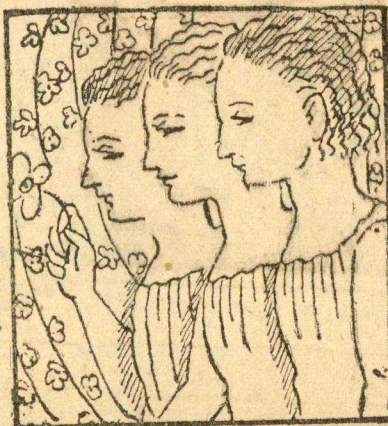
AS PRINCEZINHAS da MEIA NOITE

Por JOSE TEIXEIRA JUNIOR

HAVIA três princezinhas encantadas chamadas Fernanda, Dulce e Antonieta, também conhecidas por princezinhas da meia noite.

Eram lindas quanto podiam ser e andavam sempre juntinhas, como se fôssem as três graças.

Mas só visitavam a Ilha à meia noite, depois dos sinos das torres badalarem as dozes pancadas e quando o silêncio era completo. Gostavam mais assim.



Quem as quizesse vêr, porém, não tinha que fazer grande esforço. Bastava-lhe esperar com atenção durante algumas noites.

Elas haviam de passar. E quando não se vissem, apareciam pelo menos os sinais, cheios de poesia, da sua passagem. Porque, quando elas andavam na Ilha, o luar era mais claro, as estrelas tinham mais brilho, as árvores enchiam-se de frutos, desabrochavam as flores, irrompiam fontes cristalinas e o ar impregnava-se de deliciosos perfumes.

PESADELO

Por Manuel Carvalho (Neco)

Menção honrosa do Concurso

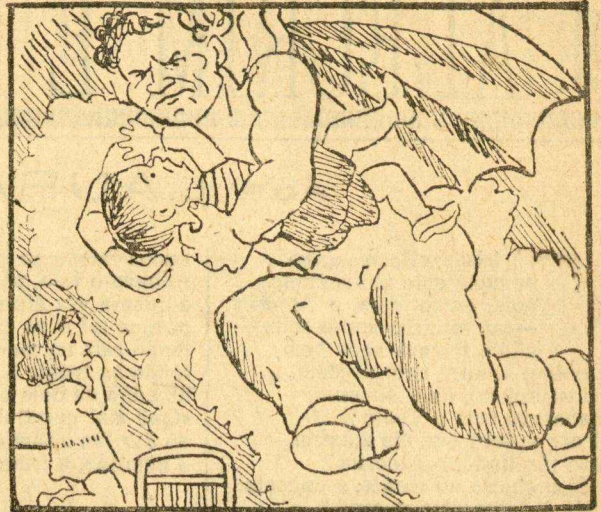
A Léna teve um sonho curioso,
Bastante singular,
Que muito a fez cismar:
Viui um pobre esquelético, andrajoso,
Mal encarado e feio,
Subindo p'ró passeio,

(Depois de ter olhado, com cautela)
Entrou, de-vagarinho,
Na casa do vizinho,
Onde, minutos antes, á janela,
Se debruçava o Zeca
Que é levado da breca.

Viu-o, com terror, pouco tempo após,
Voar pelos espaços
Com o Zeca nos braços.
Êste, coitado, erguendo a forte voz,
Soltava agudos gritos,
Lancinantes, aflitos.

Mas ninguém lhe valeu. E o rapazito
Foi, a fazer esgares,
Guindado pelos ares,
Sumindo-se de todo no Infinito.
Levava-o Satanaz
Que de tudo é capaz.

E sempre a sonhar, numa ardente prece,
Com o maior fervor,
Implorou ao Senhor:
— «Salvai o Zeca e permiti que cesse
De fazer garofices,
Maldades e perrices.»



Ao despertar, seus olhos, muitos escuros,
Suáves, luminosos,
Sorriram carinhosos.
Em brandos sons, harmoniosos, puros,
Saiu dos lábios seus:
— «Bendito seja Deus!»

Levantou-se a correr, logo em seguida,
Deu beijos á boneca,
E foi contar ao Zeca,
Perturbada, nervosa, espavorida,
Com soluços na voz,
O pesadélo atroz.

Pediu-lhe, com carinho e com ternura,
P'ra ser bem comportado,
Gentil e sossegado,
P'ra que a desgraça, o mal, a desventura,
Com sua garra adunca,
O não persigam nunca.

O Zeca quiz trocar do pesadélo;
Mas viu a comoção
Daquêlê coração,
Tanto amor e cuidado em convencê-lo,
Que logo se rendeu,
E ser bom prometeu.

As avezinhas acordavam nos seus
ninhos, seguindo, fascinadas, as for-
mosas princezinhas cantando lindas
árias.

Era um espectáculo de maravi-
lha.

Os meninos da Ilha, já sabiam
que, a seguir à passagem das três
princezinhas, era para êles grande
festa, porque elas lhes deixavam
sempre bonecos e brinquedos, quer
nos seus leitos alvos, quer nos cam-
inhos por onde costumavam cor-



rer, brincando. Os doentes sentiam
alívio para os seus males, os po-
bres para a sua desgraça, os infe-
lizés para a sua desventura.

Por isso, todos gostavam das prin-
cezinhas e as consideravam não
fadas do bem mas os próprios an-
jos.

As mãis sobretudo, tinham por
elas grande estima, porque lhes
alegravam os filhos, os tornavam
felizes, e enchiam de perfume e de
beleza tôda a sua terra, a român-
tica Ilha onde tinham nascido e
amado.

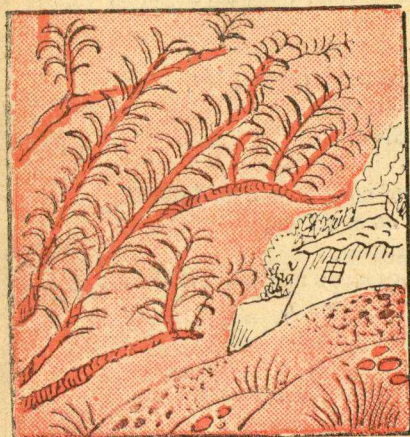
(Conclue na página 7)

O ALECRIM E O ROSMANINHO

POR LAURA CHAVES

VIVIA triste o Rosmaninho
naquele vale tão sòzinho;
pois, perto dêle, o Alecrim,
— um toleirão muito ruim —
não o tratava nada bem,
olhando-o sempre com desdém.
O Rosmaninho, num lamento,
desabafava com o Vento;
— Porque será que êle é assim,
sendo tão lindo, o Alecrim?
Se dá o cheiro ao monte, à encosta
e tôda a gente dêle gosta?!...
Constantemente é procurado
pois não existe namorado
que o Alecrim não vá colhêr
e ao Rosmaninho ninguém quere.

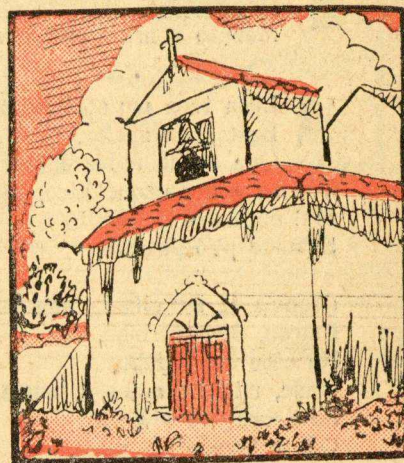
Era verdade o que afirmava,
em nada o triste exagerava.
O Alecrim muito vaidoso
por ser bonito e ser cheiroso



nunca falava ao Rosmaninho;
Achava-o feio, pòbrezinho
e quanta vez êle pensava
porque tal erva ali medrava
tendo raiz na mesma terra,
tendo na frente a mesma serra,
olhando os dois os mesmos céus!
«Que mal que tinha andado Deus
ao dar-lhe assim como vizinho
o humilde, o triste Rosmaninho.»

No céu, ouviu Nosso Senhor
o que pensava êsse impostor
e resolveu dar-lhe lição
para punir a feia acção,
que êle castigo merecia.
E o Alecrim viu, certo dia,
com grande pasmo, grande espanto,
— tinha chegado o tempo santo —
subir um carro com seus bois
que ali parou, e, vai, depois,
homens, colherem, com jeitinho,
pés e mais pés de Rosmaninho
e uma molhada de Alecrim.
«Porquê?!—pensava. Qual o fim
desta viagem de nós dois?
Onde nos levam êstes bois?
E o carro a andar, chia que chia,
respondeu logo: «A' romaria!»

O Alecrim e o Rosmaninho
foram florir o mesmo ninho,
a capelinha atapetar
que, lá no monte, a branquejar,
falava a Deus na voz do sino
a dizer bem do Seu Menino.
E o Alecrim envergonhado,
sentindo o aroma delicado
que essa ermidinha perfumava,
o bom cheirinho que ali estava,



dizia já, sem azedume:
— E' meu ou dêle êste perfume? —

.....
Quiz-lhe mostrar Nosso Senhor
que os filhos todos para os pais
merecem sempre o mesmo amor,
belos ou feios são iguais.

F

I

M

VAIDADE

POR MANUEL FERREIRA

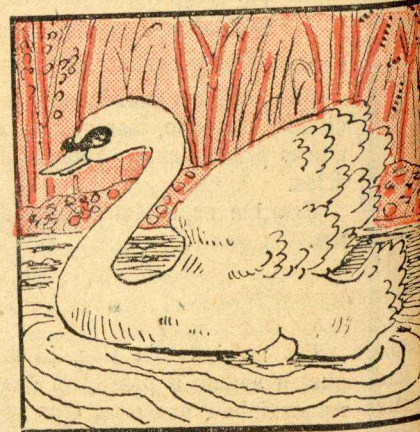
NUM riacho bordado a aven-
ca, feto e junco, onde as
aguas pareciam entoar lin-
das canções, um cisne pas-
seava, orgulhoso e altivo,
ouvindo a melodia das aves
que saltitavam no arvoredado florido.
Perto, numa toca, entre giestas flo-
ridas, um grilo, todo o dia, cantava

«cri-cri» ao dirigir-se para a horta, onde
lhe chamava a atenção o canteiro ver-
dejante da alface.

Naquela tarde, mestre grilo, como
sempre alegre e prazenteiro, saiu de
casa.

Ao ver o cisne, cumprimentou:

«— Boa tarde, camaradilha!»



«— Camaradilha?!—(repontou o cis-
ne vaidoso)— Veja lá como fala. O!»

UMA AVENTURA DE JOÃOZINHO

Por MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

JOÃOZINHO é o menino mais traquinas que eu tenho conhecido. Além disso, é ainda muito mau e se umas vezes lhe dá para remechar as gavetas e desarrumar a casa à mãizinha, outras vezes sente bastante prazer em torturar ou destruir os pobres animais que lhe caíam nas mãos.

Não escapam a sua feroz traquinice. Nem o gato Tareco, nem o cão Bêu-Bêu, nem mesmo os humildes insectos ou as flores que Joãozinho tem no jardim.

Tareco e o Bêu-Bêu já por várias vezes têm castigado pelas suas maldades, mas a eles não lhes valeu um pouco mais de sossê. Outro tanto não acontece com os animais mais pequeninos, nem com as flores, que são mais impossibilitados de se defenderem e são ferozmente perseguidos.



Logo que o Joãozinho vê uma formiga, o seu dedo polegar cai, como um maço, sobre o infeliz insecto e... era uma vez uma formiga. Os outros animais, de reduzido tamanho, têm, mais ou menos, a mesma sorte.

Mas, certo dia, o Joãozinho, depois de ter feito trinta mil judiarias a uma linda borboleta, acabou por a matar. O avôzinho, que presenciara a proeza e que, pelos vistos, não é para graças, chamou-o e deu-lhe uma destas lições... daquelas que fazem tremer a gente.

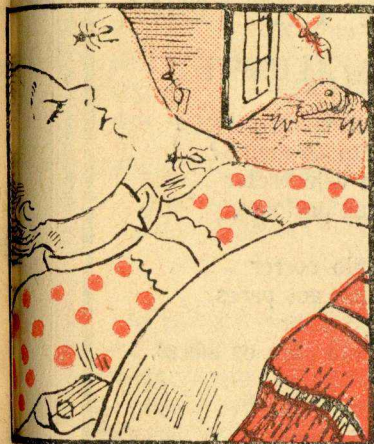
O Joãozinho chorou, chorou muito e foi para o seu quarto, pois o avô, de castigo, obrigara-o a deitar-se ao fim da tarde «com as galinhas», como é costume dizer-se.

O que aconteceu, depois, é deveras fantástico.

O Joãozinho não sabe como aquilo foi mas, ao acordar, encontrou-se num sítio que não conhecia. Dir-se-ia o «Reino dos Bichos pequeninos», tal era a infinidade de animalinhos que ele via por todos os lados.

Ao princípio, Joãozinho achou imensa graça à sua situação e entreteve-se a ver as formigas que, em grupos, conduziam para os seus celeiros enormes palhas, num grande exemplo de solidariedade; viu as abelhas que pousavam nas flores e, nas suas minúsculas patinhas, levavam para o cortiço o pólen com que fabricam o delicioso mel; admirou-se da variedade de borboletas que esvoaçavam, alegremente, e do matizado de suas asas, emfim gostou imenso das flores que desabrochavam ao sol.

(Continua na página 6)



«... para si e para mim e veja lá bem a diferença.»

«— Ora essa! Não somos ambos parentes ao grande reino dos bichos? O vizinho é mais bonito do que eu, mas isso não obsta a que nos falemos...»

«— Louco! — (tornou o cisne, desatado) — Acaso queres comparar a tua cor negra e horrorosa com a branca das minhas penas, a falta de gordura do teu corpo com a elegância das minhas formas? Queres admitir comparação entre a maneira como eu nado nas águas e o modo com que tu andas por essas tocas sem beleza nem esforço. Moro na terra e nas águas e,

com as minhas asas, posso alcançar o céu...»

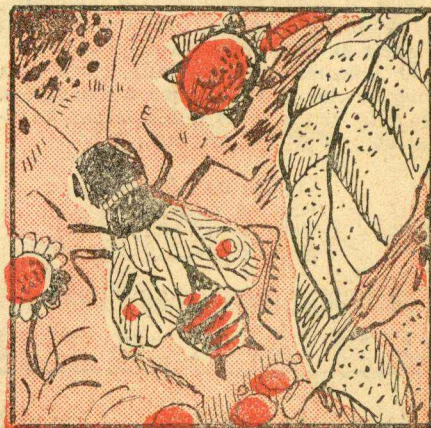
«— Mas... — (arriscou o grilo.) — As tuas asas não valem nada em relação às minhas...»

«— Não valem? — (disse, estupefacto com tamanha ousadia, o cisne.) — Em que se podem as tuas asas comparar com as minhas?»

«— Vê-se bem, arrogante, que nunca me ouviste cantar.»

E juntando o gesto à palavra, o grilo começou a entoar o seu interessante «cri-cri.»

Juntavam-se bichos: o caracol, o pardal e o corvo, que riam, em surdina.



(Continua na página 7)

CONCURSOS MENSAIS

Tendo reunido o Júri para apreciação das provas relativas aos nossos concursos de Poesias e Contos infantis, correspondentes ao mês de Julho, e tendo em conta que eles se destinam a estimular a vocação de adultos e não de crianças, pelo que se não justifica demasiada benevolência, concedeu este não conceder os dois anunciados prémios de Poesias e o primeiro de contos infantis.

Louva, entretanto, todos os concorrentes pelo interesse que lhes mereceu a nossa iniciativa e distingue, pelo seu incontestável mérito relativo, as produções abaixo mencionadas:

POESIAS

Menções honrosas: — «A Lérias» — por «Pela Vida e pela Lida», «A lógica do Chiquinho» — por Maria de Jesus dos Santos, «Formiga mãe» — por Zé Ninguém, «A idéa fixa de M. H.» — por Violeta Brava, «No dia da primeira comunhão» — por Sentimento, e «Um objecto exquisito» — por Superbus.

CONTO

Segundo prémio: — «A gula é feio vicio» — por Niobe.

Menções honrosas: — «O limpa chaminés» — por Eterna concorrente, «O rato preguiçoso» — por Superbus, «A kifa ao Outeiro» — por Valete de Espadas, «As resoluções do Lelo» — por Maria das Neves, «Um vaqueiro improvisado» — por Maneco d'Amalar, «O tio Sovina» — por Crétinete, «As rosas da Princezinha» — por Fanny, «O bom vence sempre» — por Sónia, «O pior costigo» — por Uma curiosa, e «Uma história verdadeira» — por Ceulita.

Uma aventura de Joãozinho CANÇÃO

(Continuação da página 5)

Mas depressa Joãozinho se aborreceu. Lembrou-se, então, de espantar as formigas, caçar borboletas, matar as abelhas e destolhar as flores.

Foi interrompido, na sua acção desvaidada, por mestre grilo que, do alto de um penedo, cantou:

O João mausão
Não tem coração.
Vai rolar no chão
E pedir perdão.

O Joãozinho é que não gostou da gracinha e, pegando numa pedra, zás, rachou a cabeça ao grilo.

Mas, de um cortiço próximo, saíram tantas abelhas que, pelos jeitos, pertenciam à arma aeronáutica daquela terra e deram tantas e tantas ferroadas no Joãozinho que este, para se livrar das malditas abelhas, se deitou ao chão.

Mas aí é que fôram elas! A infantaria, ou sejam as formigas, avançou e acabou o que a aviação havia começado.

O Joãozinho, desesperado, começou a rolar no chão e a pedir que o deixassem. Do alto das árvores e das pedras, as cigarras e os grilos cantavam:

O João mausão
Não tem coração.
Vai rolar no chão
E pedir perdão.

O Joãozinho já chorava arrependido e, então, clamou num grito:

João mausão
Pede perdão!

Logo a infantaria, tocando a reunir e formando a quatro, recolheu a quartéis, levando à frente a banda regimental dos grilos e cigarras. As abelhas, depois de terem executado alguns vôos acrobáticos em redor do inimigo vencido, recolheram, por sua vez, aos cortiços.

O Joãozinho, cheio de medo que voltassem à carga e com o corpo dorido de tantas picadas, deitou a correr mas com tanta infelicidade que caiu dentro de uma cova e... acordou. Ele tinha caído mas era da cama.

Foi, então, sonho? Preguntarão vocês. Claro que foi, mas valeu tanto como uma lição verdadeira, pois posso afirmar que o Joãozinho já não é traquinas nem mauzinho.

O João mausão
Já tem coração.

Agora, passa, horas esquecidas, deitado no chão, a vêr o que fazem as formigas e as feias lagartas mas sem lhes tocar ou fazer mal algum. Se ele, assim, continua, não lhes digo nada, daqui a pouco estará um grande e afamado naturalista.

DA PASTORA

Por JOSÉ AUGUSTO DE BA

— Que fazes, pastora,
No alto do monte?
— Eu vejo brotar
A água da fonte.

Eu vejo correr
Regatos aos pares,
E oiço dizer
Que vão para os mares.

E oiço cantar
As aves ligeiras,
Passando a sonhar
As tardes inteiras.

Quando é já noitinha,
O vento, no ar,
Avisa mansinho:
— «Regressa ao teu lar!»

Desço, então, correndo
Com todo o meu gado,
E assim vou vivendo
Meu alegre fado!

CHARADAS COMBINADAS

+ to = Nome masculino
+ to = Animal doméstico
+ to = Amplo

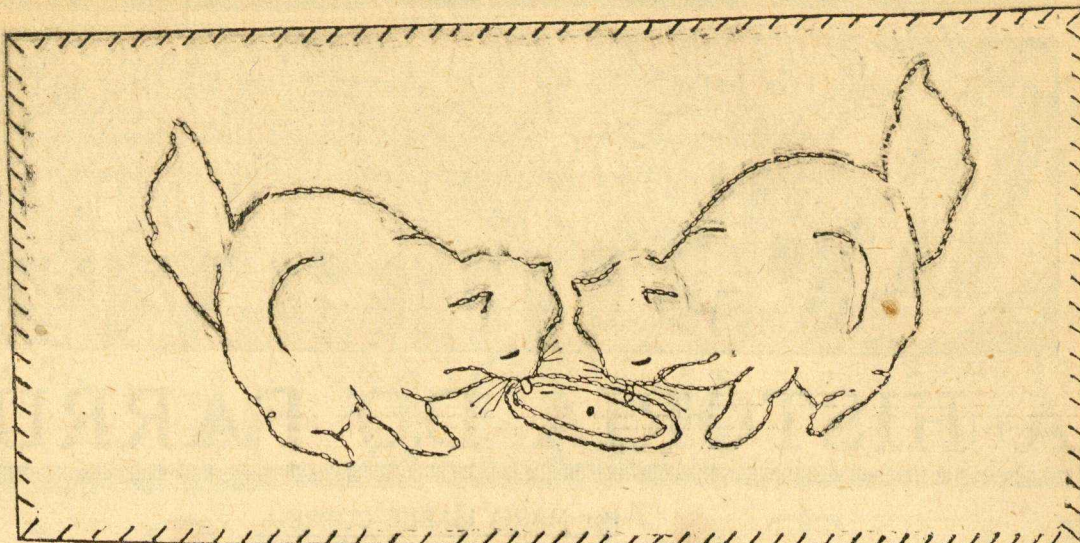
+ mo = Nome feminino
+ ma = Birra
+ ma = Copa

+ ca = Nome feminino
+ te = Poeta
+ co = Pau de bilhar

+ ma = Leito
+ ra = Alvo
+ la = Aposento

Conceito: — Objectos de uso

O
CES
TINHO
da
COS
TURA



Minhas queridas amiguinhas:

O «Mimo» e o «Bijou» são dois tarecos muito lindos. A sua gordura e o brilho do pêlo, mostram bem não serem lá quaisquer pelintras! Nada disso, pois vivem no meio da maior abundância.

Julinha, a sua dona, gosta imenso deles e trata-os com verdadeiro carinho. Assim, não lhes falta a sua ração diária de bofe, o belo carapau, o seu pratinho de leite, emfim, nu-

ma palavra vos digo que êstes fidalgos levam existência feliz e regalada.

Neste momento estão os bichanos cheios de sede e estou bem certa de que êsse pratinho de água lhes sabe tão bem, como a vocês a melhor carapinhada!

Ora tarecos tão finos e tão bonitos, são bem dignos de figurar nos vossos bordados, não é verdade?

Em guardanapos, toalhinhas, almofadinhas de bébé ou no enxoval

da boneca, êles ficarão sempre colocados com graça.

Bordam um em preto, o outro em amarelo e o prato em encarnado.

Podem aplicar o ponto pé de flôr ou cadeia e se, em lugar de fazerem só o contôrno, encherem completamente os gatinhos, êstes redobrarão de encanto.

Um grande abraço para tôdas da vossa

ABELHA MESTRA

AS PRINCEZINHAS da MEIA NOITE

(Continuação da página 6)

As três princezinhas tornaram-se, com o tempo, tão queridas e tão familiares, que pareciam fazer parte da própria natureza da Ilha. E para isto mais se acentuar havia o facto, deveras curioso, de elas parecerem ter sempre a mesma idade e a mesma beleza, andarem sempre juntas e derramarem, incessantemente, a mesma luz, a mesma formosura, a mesma caridade e os mesmos suaves perfumes.

Foi dêste modo que se tornaram, para todos, a própria Beleza e a própria Vida.

Pouco a pouco, tudo e todos se foram habituando à poesia e ao romantismo que elas espalhavam em tudo e sôbre todos.

Os cêguinhos sabiam, agora, tocar nos seus violinos músicas verdadeiramente celestiais, hinos ao sol e ao luar, às flores e às brisas, à neve e à primavera. Os sinos

badalavam alegremente, mas profundamente emotivos e religiosos. Nos lagos, nas árvores, nos jardins e nos montes a vida era diferente, nova e redentora.

*

* *

Mas, das três princezinhas da meia noite, uma delas, Fernanda, tornou-se mais popular.

Dizem todos que era das três a mais bela, a melhor e mais prodigiosa, pois tudo quanto as três faziam só a ela era atribuído.

E dizem, também, que ainda hoje essa princezinha existe na Ilha, encantada como dantes, linda e boa como dantes, mas apenas mais crescida e, às vezes, um tanto ou quanto rabina.

VAIDADE

(Continuação da página 7)

«— Ora, — (continuou o cisne). Eu também sou capaz disso.»

«— É o que vamos ver. — (observou o doutor corvo, que aparecera com sua toga preta.)»

«— Cá estou para ouvir essa música deliciosa.» — concluiu o grilo.

O Cisne tentou. Mas tanto bateu as asas, uma na outra, que ficaram quasi depenadas...

Mestre Corvo, então observou:

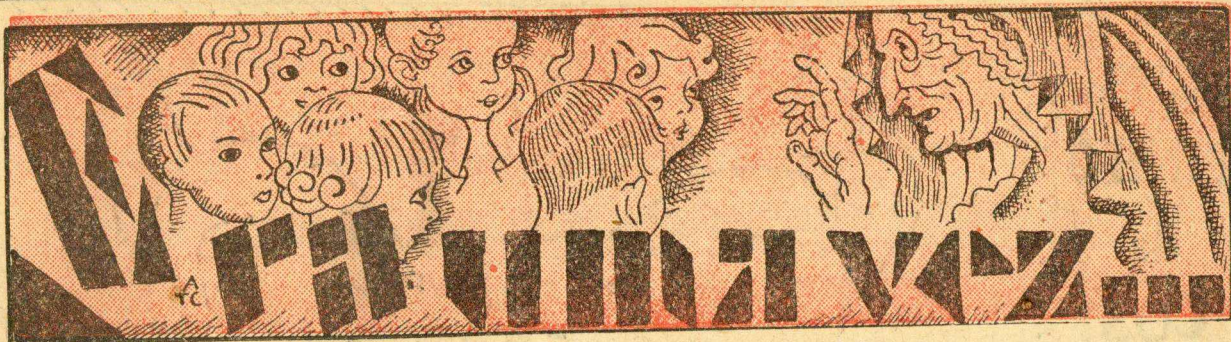
«— Basta, não te canses mais, amigo Cisne. Olha que ficas sem penas...»

E o Cisne lá se foi, pensando na lição que o mísero bicharoco lhe havia dado.

Claro está que nunca mais a ave se envaideceu a ponto de não falar aos vizinhos...

F I M

F I M



A HISTÓRIA DO FARRUSCO

Por MARIA ISABEL CORREIA

Menção honrosa do Concurso

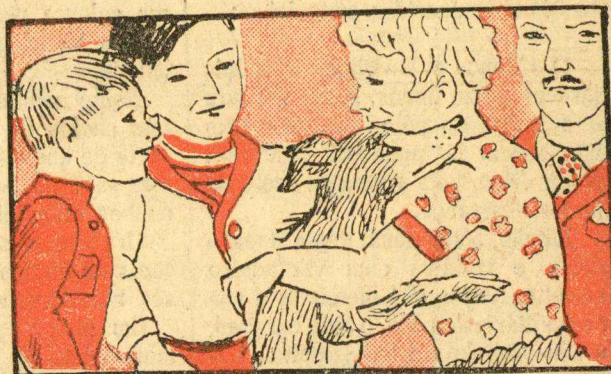
MEUS amiguinhos: — Quero contar-vos, hoje, a história do Farrusco. Bem ao certo, desde o princípio, não é ela conhecida e só sei que o Farrusco apareceu, um dia, na quinta, perseguido pelos cães da casa, que o queriam maltratar. Valeu-lhe a protecção da dona da quinta, que logo gostou dele por ser muito prêto, lusidío, senhor de uma farta cáuda e de um focinho muito engraçado. Por todas estas prendas, mandou-o prender — até aparecer o dono, a quem o restituiria — mas no fundo, bem desejosa, que tal não sucedesse.

Decorreram dias sem que ninguém viesse reclamá-lo. Disseram, depois, na aldeia, que o Farrusco era de uns saltimbancos, que por ali tinham passado, mas iam, certamente, longe, vagabundando de terra em terra.

Bem tratado e nédio, não se aventurou a procurar os seus antigos donos e julgou-se muito feliz na quinta, onde nada lhe faltava e onde andava sempre em grande folia com as crianças da casa.

Tinha, porém, um grande defeito, logo manifestado, que muito desgostava os novos donos. Corria-lhe, por certo, sangue de lobo nas veias e, por êste irremediável atavismo, não podia vêr ovelha nem cordeirinho que não filasse, cevando neles seus instintos sanguinários.

Seu dono não era senhor de sair para alguma jornada, pois logo aparecia o Farrusco na dianteira aos pulos e aos latidos alegres, correndo à frente do cavalo, serra fóra, à desfilada. Nessas surtidas sempre filava ovelha ou borrego, que o dono tinha que pagar aos pastores. Aborrecidos os



donos com as continuadas depredações do Farrusco, embora muito gostassem dele, muito divertisse os pequenos e embora fôsse bom guarda da porta, pensaram em desfazer-se dele.

Foi um dia o dono a uma feira ao Alentejo, trinta léguas distante da sua casa. Levou o Farrusco consigo, com todos os cómodos, foi de carro, foi de comboio. Mas, uma vez na feira, perdeu a dona da hospedaria onde se recolheu, «que lhe tivesse o cão prêso ainda uns dias depois dele regressar a casa; que só o soltasse após e êle que se governasse... quem não tinha juízo...»

Qual não foi, porém, o grande espanto de todos, quando viram aparecer o Farrusco, oito dias depois, ofegante, enlameado, magro, irreconhecível! Andara aqueles dias todos, valendo-se do seu faro finissimo, passando fome, açulado e apedrejado pelo rapazio inclemente, nas aldeias que atravessava, para voltar para casa dos donos! Ele bem podia por lá ter ficado. O seu pêlo lustroso, o seu todo interessante, sempre lhe agenciaria casa, mas o Farrusco, tinha-se afeiçoado àquela; mais grato que muitos racionais, fez aquela Africa para os não deixar. Na quinta, todos o acolheram, afinal, com alegria, até a senhora chorou comovida, afagando-o; e ao Farrusco logo foi dada uma grande tigela com sopas. Nunca mais pensaram em desfazer-se dele. Tinham, porém, mais cuidado. Quando queriam sair, prendiam-no, quando o gado da quinta andava perto, o pastor não o deixava aproximar; corria-o á pedrada e o Farrusco continha-se. Assim foi indo; tinha, finalmente, o seu lugar conquistado.